

PRODUÇÃO E COMÉRCIO DE LARANJA E DE SUCO NO BRASIL¹

Antonio Ambrosio Amaro²

Maria Lúcia Maia³

1 - CITRICULTURA BRASILEIRA

Com o advento do Plano Real e seu sucesso na redução das taxas de inflação e de juros, a economia brasileira vem permitindo a expansão do consumo interno de alimentos, dentre os quais a laranja, fruta de maior aceitação entre os consumidores de todo o País, independente de classe, de renda familiar e tamanho das cidades. Sem dúvida, a continuidade da situação geral da economia sugere que o mercado interno brasileiro seja capaz de absorver quantidades significativas de fruta e de suco pronto para beber, desde que sejam oferecidos produtos de qualidade a preços competitivos com outras bebidas.

Entretanto, a forte redução nos preços recebidos pelos produtores de laranja nos primeiros anos da década de noventa, em relação aos elevados valores observados de 1985 a 1989, parece ter sido suficiente para desacelerar o ritmo de novos plantios em São Paulo, a julgar pela proporção de plantas em fase de formação (até 4 anos de idade), o que deverá se refletir nas quantidades a serem ofertadas nos próximos dez anos (Figura 1) (AMARO e MAIA, 1996).

Com base nos dados da FUNDAÇÃO (1985-96), de 1985 a 1996 (estimativa preliminar), a área colhida com laranja no conjunto dos demais Estados do Brasil aumentou 39% nesse período, enquanto o aumento da produção foi de 48%, revelando maior produtividade por área. Destacam-se, pela importância da produção, os Estados de Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro (Tabela 1).

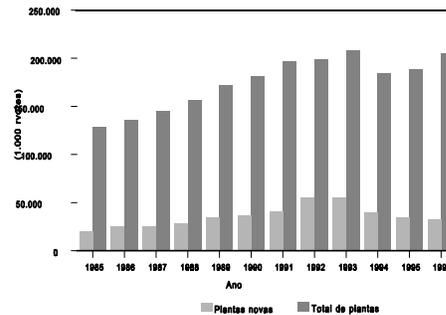


Figura 1 - Número de Plantas Novas (<4anos) e Total de Laranjeiras, Estado de São Paulo, 1985 a 1996.

Conquanto a produção de laranja fora do Estado de São Paulo se revele crescente, sua participação no total brasileiro nos últimos dez anos tem sido praticamente constante e ao redor de 18%.

Em São Paulo vem ocorrendo uma nítida tendência de adensamento de plantio (número de árvores/hectare), provocando menor ocupação de área com pomares, ainda que o total de plantas tenha se expandido. Deve-se assinalar, porém, que nos outros Estados já haviam plantios mais adensados, particularmente em regiões onde há predomínio de pequenas propriedades como, por exemplo, em Sergipe e no Rio Grande do Sul.

Quando se considera a produção total brasileira no período 1990 a 1996, a participação do mercado interno no destino da laranja tem sido de 30% em média, uma vez que a ênfase na comercialização nos demais estados é para o consumo *in natura*, embora existam fábricas de suco. No Estado de São Paulo, a industrialização absorveu em média 80% nesse mesmo período com um pico de 88% em 1992 (Tabelas 2 e 3).

2 - CITRICULTURA EM SÃO PAULO

Uma das cinco principais explorações agrícolas no Estado de São Paulo, a cultura da laranja ocupou em 1996 uma área estimada de 737.000 hectares, com 207 milhões de árvores,

¹Este artigo foi publicado originalmente na Revista Laranja, 1997.

²Engenheiro Agrônomo, Dr., Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

³Economista, MS, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 1 - Área Colhida e Produção de Laranja, por Estado, Brasil, 1985 e 1990-96

Estado	1985		1990	
	Área (ha)	Produção (1.000cx.)	Área (ha)	Produção (1.000cx.)
Sergipe	28.309	11.694	34.374	14.699
Bahia	16.000	4.992	28.691	8.464
Minas Gerais	31.758	7.789	33.432	8.080
Rio de Janeiro	34.429	8.817	34.186	9.799
São Paulo	503.629	218.000	671.163	262.710
Rio Grande do Sul	20.480	7.085	25.324	8.225
Goiás	2.550	754	3.580	1.032
Paraná	4.530	1.470	4.261	1.640
Subtotal	641.685	260.601	835.011	314.649
Outros	20.628	6.705	23.799	2.787
Brasil	662.313	267.306	858.810	317.436

Estado	1995		1996	
	Área (ha)	Produção (1.000cx.)	Área (ha)	Produção (1.000cx.)
Sergipe	40.362	13.556	41.610	17.172
Bahia	47.533	14.960	46.703	15.848
Minas Gerais	50.278	9.172	50.289	14.088
Rio de Janeiro	14.209	2.944	16.264	3.544
São Paulo	620.770	322.300	630.200	355.000
Rio Grande do Sul	27.458	8.684	27.621	8.120
Goiás	6.142	2.159	6.200	2.200
Paraná	8.744	3.704	8.800	3.388
Subtotal	815.496	377.479	827.687	419.360
Outros	23.696	8.433	23.831	8.640
Brasil	839.192	385.912	851.518	428.000

¹Caixas com 250 frutos (40,8kg).

²Caixas com 270 frutos (a seca diminuiu o tamanho).

³Preliminar.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola e Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

TABELA 2 - Estimativa do Destino da Produção de Laranja, Brasil, 1990 a 1996 (em milhão de caixas)

Destino	1990		1991		1992		1993	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Produção	317,4	100,0	343,1	100,0	361,0	100,0	374,0	100,0
Exportação de fruta fresca	1,9	0,6	2,7	0,8	2,0	0,5	1,8	0,5
Industrialização	217,0	68,4	232,0	67,6	275,0	76,2	256,0	68,4
Consumo interno ¹	98,5	31,0	108,4	31,6	84,0	23,3	116,2	31,1

Destino	1994		1995		1996 ²	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Produção	352,0	100,0	385,9	100,0	428,0	100,0
Exportação de fruta fresca	3,0	0,9	2,8	0,7	2,4	0,6
Industrialização	248,0	70,5	272,0 ³	70,5	282,0 ³	65,9
Consumo interno ¹	101,0	28,7	111,1	28,8	143,6	33,5

¹Inclui perdas.

²Estimativa preliminar.

³Inclui cerca de 5 milhões de caixas de tangerinas.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e Secretaria de Comércio Exterior.

TABELA 3 - Estimativa do Destino da Produção de Laranja, Estado de São Paulo, 1990 a 1996 (em milhão de caixas)

Destino	1990		1991		1992		1993	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Produção	268,7	100,0	285,5	100,0	300,0	100,0	307,0	100,0
Exportação de fruta fresca	1,9	0,8	2,7	1,0	2,0	0,7	1,8	0,6
Industrialização	210,0	78,1	225,0	78,8	265,0	88,3	240,0	78,2
Consumo Interno ¹	56,8	21,1	57,8	20,2	33,0	11,0	65,2	21,2
Destino	1994		1995		1996 ²			
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%		
Produção	285,0	100,0	322,3	100,0	355,0	100,0		
Exportação de fruta fresca	3,0	1,0	2,8	0,9	2,4	0,7		
Industrialização	245,0	86,0	247,0	76,5	260,0	73,2		
Consumo Interno ¹	37,0	13,0	72,5	22,6	92,6	26,1		

¹Inclui perdas.

²Estimativa preliminar.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e Secretaria de Comércio Exterior.

das quais 15% em fase de formação. A produção passou de 218,0 milhões de caixas de 40,8kg (90 libras) em 1985 para 355,0 milhões em 1996, ou seja, acréscimo de 63%, devendo-se assinalar que a redução observada em 1994 foi decorrente de geadas e de prolongada e forte estiagem de maio a outubro de 1994.

Estima-se que de 1980 a 1995 o número de plantas por hectare tenha aumentado de 200 para 280.

As variedades comerciais de laranja mais cultivadas em 1994 eram: Pêra (41%), Natal (26%), Valência (23%), Hamlim (7%) e outras (3%). O aumento de Valência pode ser atribuído à divulgação de que o Japão tem preferência por suco dessa variedade, provocando resposta dos citricultores (Tabela 4).

Além da laranja, eram cultivadas, no Estado de São Paulo, tangerinas (7,3 milhões de plantas), limas ácidas e limão (7,7 milhões de plantas) e pomelo (cerca de 85 mil plantas). Dentre as tangerinas destaca-se a Ponkan com 58% das árvores, ficando o restante dividido entre Murcote, Cravo e Mexerica, com participações quase iguais. Dentre os limões, a lima ácida tahiti representa quase 90% das plantas.

No Estado de São Paulo salientam-se como maiores produtores os municípios de Bebedouro, Itápolis, Limeira, Taquaritinga, Monte Azul Paulista, Olímpia, Colina, Matão e Araraquara. Nos últimos anos, os maiores plantios ocorreram nos municípios ao redor de São José

do Rio Preto e de Mogi-Guaçu. Além desses, merece ser citada a região de Barretos, onde a citricultura deslocou as pastagens.

Com base em cadastro feito pelo FUNDECITRUS (1996), em 1995, o número de propriedades comerciais (mais de 200 plantas) com plantações cítricas em São Paulo e em 11 municípios de Minas Gerais limítrofes com São Paulo⁴ era de 27.867, das quais 92% com pomares considerados pequenos (de 201 a 20.000 plantas ou aproximadamente 80 hectares); 7% cultivavam de 20.000 a 100.000 árvores (pomares médios) e 1% restante são pomares grandes com mais de 100.000 plantas ou 400 hectares. A média geral era de 8.405 plantas por propriedade para um total de 234,2 milhões de plantas.

Enquanto os pomares pequenos tinham 46% do total de árvores (média de 4.149 árvores por propriedade), os grandes representavam 23% das plantas (média de 222.645 árvores), ao passo que nos pomares médios, com 31% do total de árvores, haviam em média 38.885 plantas.

Tais resultados podem ser comparados com aqueles do cadastro elaborado pelo Instituto de Economia Agrícola e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (IEA/ CATI), em 1981, em que o número de pomares comerciais com citros (acima de 500 plantas) era de 13.823 e se

⁴Frutal, Campo Florido, Prata, Comendador Gomes, Conceição das Alagoas, Veríssimo, Fronteira, Itapagipe, Pirajuba, Planura e São Francisco de Salles.

encontravam plantadas 101,3 milhões de árvores, ou seja, média geral de 7.326 por propriedade.
TABELA 4 - Variedades de Laranja e de Tangerina Plantadas no Estado de São Paulo, 1975 a 1994 (em %)

Variedade	1975	1980	1986	1990	1990	1991	1994
Laranja							
Pêra	39	53	48	45	52	53	41
Natal	25	26	26	24	30	26	26
Valência	19	11	14	13	9	11	23
Hamlin	7	4	5	5	3	4	7
Outras	10	6	7	13	6	6	3
Tangerina							
Cravo	-	-	25	20	-	21	-
Murcote	-	-	13	22	-	17	-
Ponkan	-	-	51	49	-	53	-
Mexerica	-	-	11	9	-	9	-

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados da CATI, IB, IAC e FUNDECITRUS.

priedade. Nesse ano, as propriedades com pequenos pomares representavam 93,5% do universo e tinham 57% do total de árvores com média de 4.446 por propriedade. Os grandes eram apenas 0,5% do universo com 13% das plantas e média de 176.342, ao passo que nos restantes 6% de pomares médios, com 30% das árvores, existiam em média 37.023 plantas.

Observa-se, portanto, nesse período, tendência de aumento no tamanho médio dos pomares (+15%), sendo mais acentuado naqueles considerados grandes e médios. Nos pequenos (até 20.000 plantas), o número médio de plantas é até menor (-7%), o que pode ser considerado, por um lado como preocupação dos médios e grandes citricultores em procurarem obter economias de escala e, por outro, um possível crescimento no número de pequenos produtores que se viram atraídos pela citricultura.

Resultados preliminares de estudo ainda em fase de análise, a partir de amostra estatística dos citricultores estratificada por tamanho e em quatro regiões do Estado, revelam que 58% das propriedades que cultivam citros e constam do cadastro (universo) do FUNDECITRUS são dedicadas apenas à citricultura e possuem 54% das árvores plantadas. Esse percentual de propriedades especializadas é mais elevado entre os pequenos produtores (59%) e na região norte do Estado (municípios ao redor de Bebedouro) onde chega a 76% das propriedades. Nas demais propriedades (42%) onde, além de citricultura, também se desenvolvem comer-

cialmente outras atividades agrícolas, destacam-se pela ordem de frequência: a pecuária (de corte, leite e mista); culturas anuais com predominância de milho; cana-de-açúcar; café e outras frutas com ênfase no cultivo de manga, goiaba, abacate e uva para mesa.

Em 32% das propriedades da amostra, o plantio de citros está concentrado apenas em laranja, enquanto nas demais são cultivadas também outras espécies de citros que podem ser agrupadas em tangerinas (3% das plantas), limão ou lima ácida (2% das plantas) e pomelo. Esse mesmo percentual (33%) de propriedades produtoras somente de laranja foi observado em 1981, demonstrando que os citricultores mantêm interesse em combinar duas ou três espécies.

3 - EXPORTAÇÃO DE FRUTA FRESCA

Os dados estatísticos do SECEX (MICT), referentes à exportação brasileira de citros nas primeiras sete safras da década de noventa, indicam um embarque médio anual aproximado de 110 mil toneladas. A laranja representa 85% dessas exportações, seguida, por ordem de importância, pelas tangerinas, lima ácida (limão tahiti), pomelo, limão siciliano e outras frutas cítricas não especificadas. As quantidades exportadas de laranja fresca não atingem 0,5% da produção nacional, sendo portanto marginal, tendo oscilado ao redor de 84 mil toneladas-ano no período 1980 a 1996, com

exceção das safras 1981, 1983 e 1984. Em termos de valores, observa-se que as exportações nesse período foram por volta de US\$17 milhões FOB com preço médio de US\$215,00/t (mínimo de US\$182,55/t em 1980 e máximo de US\$248,57/t em 1985). As variedades mais exportadas são Pêra, Baianinha (Washington Navel), Valência e Hamlin (Tabela 5).

Os países da União Européia, com acesso pela Holanda, representam o maior mercado importador de laranja brasileira, seguidos pelos países da Ásia, destacando-se os Emirados Árabes, Arábia Saudita e Kuwait. As exportações para os países que fazem parte do North American Free Trade Agreement (NAFTA) são esporádicas e pouco representativas e, exclusivamente, para o Canadá. Quanto aos países do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) e Chile, apenas no início da década de 1980 é que se verificaram aquisições de pequenas quantidades de laranja brasileira.

A exportação de laranja é realizada por via marítima com embarque quase que exclusivamente pelo Porto de Santos. Os embarques por via aérea são muito esporádicos e quando a fruta destina-se aos países vizinhos o transporte mais utilizado é o terrestre.

Quanto às exportações de tangerinas no período de 1980 a 1996, observa-se uma nítida tendência de manutenção das quantidades (ao redor de 6 mil toneladas) com exceção de 1980 quando foi de 11 mil e em 1984 com apenas 2 mil toneladas. O Brasil exporta perto de 1% de sua produção total de tangerina, sendo a variedade mais exportada a murcote. Em termos de valor exportado no período, a média FOB foi de US\$1,6 milhão por ano, não se considerando os valores de 1980 e 1984. O preço médio anual por tonelada foi de US\$280,00 (mínimo de US\$222,42 e máximo de US\$360,94), observando-se porém que, para alguns países, o preço médio por tonelada chegou a ser superior a US\$1.000. Os países da União Européia são os maiores importadores de tangerinas do Brasil, podendo apontar o Canadá e alguns países da Ásia como mercados potenciais da tangerina brasileira. Para os países do MERCOSUL e Chile ocorreram exportações apenas no início dos anos 80.

O Brasil vem exportando apenas 0,5% de sua produção de lima ácida (limão tahiti). En-

tretanto, observa-se crescimento acentuado do volume exportado em toda a década de 80 e início dos anos noventa. Esse acréscimo vem sendo acompanhado pela elevação dos preços médios por tonelada nos últimos anos revelando não só uma melhoria de qualidade e adequação do produto aos mercados, mas uma aceitação crescente pelos consumidores europeus acostumados com o uso de limões verdadeiros. A clientela tem apresentado excessiva concentração nos países da União Européia que compram (virtualmente) a totalidade do produto brasileiro, destacando-se França, Reino Unido e Holanda. Cerca de 90% das exportações de lima ácida têm como local de embarque o Porto de Santos, sendo que dos 10% restantes uma parte é transportada por via aérea.

Quanto às demais frutas cítricas exportadas pelo Brasil, com destaque para o pomelo, as exportações só começam a aparecer nas estatísticas a partir de 1990, com cerca de 1,9 mil toneladas correspondendo, em termos de valores FOB, a US\$600 mil e preço médio de US\$280,00 por tonelada. Os países importadores pertencem ao grupo da União Européia e na Ásia, destacando-se a Arábia Saudita e Emirados Árabes.

As exportações de limão verdadeiro e demais frutas cítricas são pouco expressivas, raramente ultrapassando 500 toneladas, tendo Santos como porto de embarque e como principais países importadores o bloco da União Européia.

4 - INDUSTRIALIZAÇÃO DE SUCO DE LARANJA

Análises relativas ao processamento industrial de citros, no Brasil, devem ser elaboradas abordando-se dois segmentos bastante distintos quanto aos produtos finais obtidos e aos mercados preferenciais a que se destinam, em função de suas características comerciais.

4.1 - Indústria de Suco Concentrado

O parque industrial produtor de suco de laranja concentrado no Brasil constitui-se de fábricas modernas usando a mais avançada tecnologia. Todas elas aproveitam os subprodutos

das frutas cítricas para produção de óleos essenciais da casca, *d'limonene* e *pellets* de polpa

cítrica. De 1990 a 1996 ocorreram algu-

TABELA 5 - Exportações Brasileiras de Citros, Quantidade e Valor, 1980-96

Ano	Laranja		Tangerina		Lima ácida	
	t	US\$1.000	t	US\$1.000	t	US\$1.000
1980	81.239,5	14.830,6	11.777,0	3.587,0	-	-
1981	59.708,8	14.326,2	5.666,3	2.045,2	-	-
1982	70.056,3	16.983,9	6.035,5	1.933,7	-	-
1983	48.690,0	10.189,9	5.428,0	1.384,0	298,1	139,5
1984	48.958,8	11.279,0	2.356,2	585,4	699,4	235,2
1985	74.922,7	18.623,2	4.100,5	1.169,3	1.746,7	666,0
1986	87.805,9	16.656,2	7.118,8	1.806,2	2.205,9	841,0
1987	81.093,9	17.195,3	5.877,0	1.475,4	2.206,3	804,0
1988	79.109,2	16.705,1	5.472,0	1.450,0	2.450,2	964,5
1989	91.449,6	17.805,5	6.631,0	1.474,9	3.039,7	952,6
1990	77.120,0	18.250,3	4.621,1	1.417,4	2.672,6	821,2
1991	109.495,5	21.602,8	7.916,1	2.326,2	3.577,0	1.499,4
1992	82.526,4	17.569,5	7.259,1	1.996,2	3.411,5	1.557,2
1993	89.887,6	20.234,0	6.061,4	1.539,2	4.016,7	1.979,2
1994	140.276,2	27.207,7	7.900,1	1.920,0	2.497,9	1.491,8
1995	114.060,0	29.092,0	7.933,0	3.243,0	1.007,0	558,0
1996	99.223,0	20.410,0	7.599,0	2.684,0	1.163,0	591,0

Fonte: SECEX (1980-96).

mas mudanças na estrutura da indústria paulista com o ingresso de novas empresas e aumento na capacidade instalada, passando de 817 extratoras em 1990 para 982 em 1996, quando foi instalada, em Araras, uma nova fábrica (Sucorrico S.A.) com capacidade inicial para processar 6 milhões de caixas de laranjas, a maior parte da produção própria de seus proprietários, cerca de 120 produtores (Figura 2).

A indústria de suco de laranja no Brasil, em comparação com a de outros países (em especial com os Estados Unidos), continua bastante concentrada, pois as quatro maiores empresas continuam responsáveis por quase 80% da capacidade instalada.

A produção brasileira de suco concentrado de laranja destina-se quase totalmente ao mercado externo. A venda interna de suco concentrado é ainda bastante pequena e não ultrapassa 2% da quantidade processada de laranja, incluída a parcela vendida para a indústria de refrigerantes.

No período de 1989/90 a 1994/95, observam-se mudanças nas posições dos países importadores de suco do Brasil, com tendência crescente nas exportações para os países eu-

ropeus que de 45,9% em 1989/90 passaram a absorver 61,6% do volume total em 1994/95 (Tabela 6).

As empresas localizadas nos outros Estados (85 extratoras em 1992 e 97 extratoras em 1994), além de produzirem suco concentrado de laranja, processam sucos concentrados de abacaxi, manga, maracujá, acerola, goiaba, mamão, caju, uva e graviola, dentre outras. A maior parte da produção desses sucos é destinada ao mercado externo (MAIA e AMARO, 1994).

4.2 - Indústria de Suco de Laranja Não Concentrado

O surgimento do segmento de suco de laranja natural pasteurizado no Brasil é recente e está sendo montado para atender principalmente ao mercado interno. As primeiras fábricas iniciaram suas atividades em 1992. Atualmente, no Estado de São Paulo, existem sete empresas desse tipo (Tabela 7). Pelo menos três delas fizeram associações (*joint-ventures*) com fábricas de suco concentrado já instaladas, para produzirem o suco pronto para beber com suas próprias

marcas.

A maioria dessas empresas já atuavam

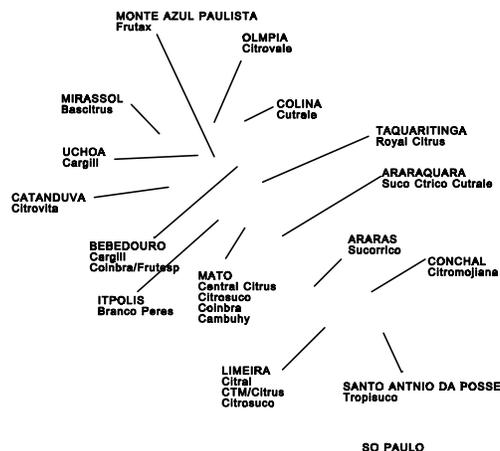


Figura 2 - Localização das Indústrias de Suco no Estado de São Paulo, 1997.
Fonte: Resultados da pesquisa de campo.

TABELA 6 - Evolução da Exportação de Suco Concentrado Congelado de Laranja, Brasil (em %)

Safra	USA	Canadá	Europa	Japão	Outros
média 1973/82	32,0	7,0	54,0	-	7,0
média 1980/89	47,0	5,0	38,0	-	10,0
1989/90	40,0	5,9	45,9	3,6	4,6
1990/91	32,1	6,4	50,8	5,4	5,3
1991/92	33,2	2,4	52,2	4,8	7,4
1992/93	28,6	2,5	58,1	5,0	5,8
1993/94	34,0	0,6	52,0	6,1	6,9
1994/95	20,9	0,2	61,0	9,2	8,1
1995/96	18,1	0,3	69,4	6,2	6,0

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados do SECEX (1980-96).

TABELA 7 - Empresas Fabricantes, Distribuidoras e Marcas de Suco não Concentrado, São Paulo, 1996

Fabricante	Distribuidora	Marca
MGS	Fleischmann Royal	Maguary Frutup
Parmalat	Parmalat	Parmalat
Citrovita	Danone	Danone
CTM Citrus	Santista	Del Sol
Cargill	Nestlé	Frutess
Guacho	Nova América	Top Fruit
Sun Home	Coop. Nac. Agro Ind. (CONAI)	Nilza
Sun Home	Sun Home	Jussy/Frully

Fonte: Resultado da pesquisa de campo.

no mercado brasileiro na área de produtos alimentícios, especialmente de laticínios, podendo assim aproveitar sua rede de distribuição para colocação do suco no mercado varejista, além de necessitarem de menores investimentos, por já disporem de câmaras frias, embaladoras e pasteurizadoras. A capacidade total instalada dessas empresas no Estado de São Paulo é de, aproximadamente, 4,0 milhões de caixas de laranja por ano. As variedades mais utilizadas são Pêra, Natal e Valência.

A aquisição de laranja tem sido feita diretamente junto aos produtores ou *packing-houses*, sendo ainda reduzida a parcela de produção própria. Algumas delas estão elaborando contratos específicos com os produtores, visando selecionar seus fornecedores, quando não estão associadas a outras fábricas de suco.

No mercado interno, o destino do suco pasteurizado (em embalagens de "Tetra Rex" de um litro) é principalmente o varejo (supermercados, padarias, lojas de conveniência, dentre outros), enquanto uma parte tem sido direcionada para o mercado institucional (hospitais, hotéis, escolas, cozinhas industriais, etc.). Essas empresas têm por objetivo a colocação de seus produtos em várias regiões do Brasil, notadamente São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Paraná.

Outro segmento de comércio de citros é na forma de suco natural fresco. De 1992 a 1996, foram colocadas no Brasil 5.650 extratoras de suco cítrico fresco. Desse total, 2.486 foram instaladas no Estado de São Paulo e 1.130 no Estado do Rio de Janeiro. As demais encontram-se espalhadas no Rio Grande do Sul (416 máquinas), Paraná (304), Minas Gerais (285), Espírito Santo (146), Bahia (193) e outros (1.333), revelando nitidamente correlação com a disponibilidade (ou produção) de laranja nesses Estados (Figura 3).

As extratoras de suco fresco têm sido colocadas em supermercados, padarias, lojas de conveniência, lanchonetes, bares e outros. Pequenas empresas estão organizadas para atender principalmente ao mercado institucional, com a distribuição diária de suco com marca própria, embalado em garrafas plásticas de 1 litro ou 300ml.

Nesse segmento, a aquisição da matéria-prima vem sendo feita na maior parte das vezes junto aos atacadistas no mercado de São

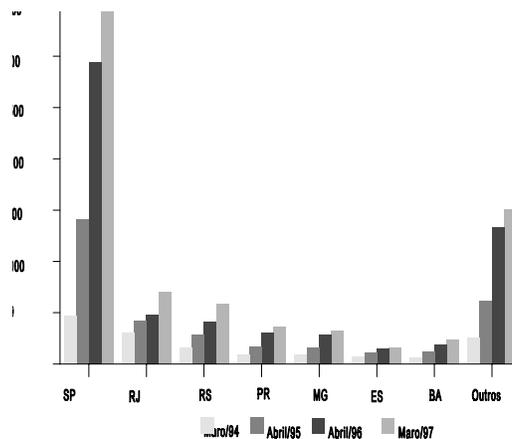


Figura 3 - Número de Extratoras para Processamento de Suco Fresco de Laranja, Brasil.

Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Paulo, representando uma elevação do custo da caixa de laranja para essa finalidade. Além disso, tem surgido o problema de suprimento constante e da qualidade da fruta afetando o sabor e a cor do suco.

5 - PREÇOS

Considerando-se os primeiros 84 meses da década de noventa (janeiro/1990 a dezembro/1996), o preço médio mensal de laranja, no varejo na cidade de São Paulo, foi de US\$0,90 por dúzia de laranja. Em termos de média anual, o valor mais baixo foi registrado em 1993 (US\$0,54/dz.) e o mais alto em 1995 (US\$1,39/dz.). Ao se converter os preços registrados mensalmente para média de ano-safra (julho a junho) verifica-se que os menores valores ocorreram justamente nas safras 1992/93 (US\$0,55/dz.) e 1993/94 (US\$0,56/dz.), quando os preços recebidos pelos citricultores foram os mais baixos desde 1980. Na safra 1994/95, a laranja foi vendida no varejo em média a US\$1,48/dz., o que pode ser atribuído à elevação observada após a geada (julho/94) e a forte seca (maio a novembro/94), que provocaram restrição na oferta de fruta de boa qualidade, desde setembro de 1994 até fevereiro de 1995. Na safra 1995/96, a média baixou para US\$1,13/dz. (Tabela 8).

Admitindo-se que uma caixa de colhei-

ta tenha 21 dúzias (252 frutos) pode-se calcular que no varejo, nesse mesmo período, o preço
 TABELA 8 - Preços Mensais de Laranja no Varejo na Cidade de São Paulo, 1990-96
 (em US\$/dz.)

Mês	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996
Jan.	0,92	0,76	0,74	0,65	0,65	1,72	1,14
Fev.	0,98	0,89	0,72	0,65	0,69	1,73	1,08
Mar.	1,16	0,86	0,77	0,61	0,64	1,67	1,09
Abr.	1,14	0,80	0,76	0,58	0,51	1,60	1,20
Mai	1,05	0,71	0,62	0,47	0,44	1,59	1,18
Jun.	0,90	0,70	0,56	0,43	0,61	1,44	1,13
Jul.	0,95	0,61	0,57	0,43	0,78	1,31	1,08
Ago.	1,10	0,68	0,57	0,42	1,00	1,26	1,09
Set.	1,23	0,72	0,53	0,46	1,18	1,09	1,04
Out.	1,06	0,63	0,52	0,54	1,62	1,07	1,01
Nov.	0,81	0,68	0,53	0,63	1,77	1,10	1,12
Dez.	0,72	0,62	0,49	0,68	1,68	1,13	1,06
Média	1,00	0,92	0,61	0,54	0,96	1,39	1,10

Fonte: INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA (1990-96).

médio variou de US\$11,00 a US\$29,00 por caixa (40,8kg), demonstrando claramente a reduzida participação do produtor no preço pago pelo consumidor final, em São Paulo. Todavia, os aspectos de margens de comercialização e de lucro bruto deverão ainda ser melhor analisados, dado que a adição de valor é quase totalmente feita pela cadeia de comercialização, desde a colheita na árvore.

Observando-se, sob o ângulo do poder de compra do salário mínimo, verifica-se que de 1992 a 1996 houve uma certa recuperação em relação aos índices registrados na segunda metade da década de oitenta, sem porém alcançar aqueles do período 1980 a 1985. Os bons preços recebidos pelos produtores, em nível de pomar, contribuíram em muito para restringir o consumo no mercado interno, agravado pela perda de poder aquisitivo da população (Tabela 9).

Finalmente, observa-se, através dos índices de variação estacional de preços no atacado de frutas cítricas, que existem meses de preços mais elevados (de novembro a março no caso da laranja) e outros quando ocorrem cotações mais baixas, seja pela variação de oferta e/ou na demanda durante os meses mais frios do ano. Também para estes aspectos estão em andamento novos estudos para obter mais elementos e delinear uma estratégia de produção e de comercialização de citros, diante das bruscas mudanças verificadas no setor a partir de 1995 (Ta-

bela 10).

6 - PROJEÇÕES DE OFERTA

As condições climáticas altamente favoráveis à produção no Estado de São Paulo, o preço da terra nua, o custo da mão-de-obra e a garantia de mercado para as frutas cítricas têm sido as razões do desenvolvimento da citricultura observado nos últimos anos.

Dado o caráter perene da cultura, foi usado para projetar a tendência de produção, nos próximos anos, método que leva em conta uma produtividade média das plantas em função da sua faixa etária e o provável número de árvores em cada uma das quatro faixas consideradas. Admitiram-se algumas hipóteses de plantios anuais e taxa de 4% ao ano de erradicação ou morte de plantas em função da variação dos preços recebidos pelos citricultores e influência de doenças e pragas.

Os resultados obtidos devem, portanto, ser vistos como tendências e não como estimativas de produção, porque as produtividades por planta podem variar significativamente de ano para ano, em função, principalmente, dos tratamentos culturais que os produtores dedicarão a seus pomares, de forma que poderão ocorrer diferenças nos totais projetados.

Quanto ao plantio, assumiu-se que nas próximas duas safras (96/97 e 97/98) serão plantadas em São Paulo 75% das mudas em fase de

preparação nos 1.556 viveiros levantados nas inspeções pelo FUNDECITRUS no final de 1995
TABELA 9 - Quantidade de Laranja Adquirível com o Salário Mínimo, Cidade de São Paulo, 1992-96

Mês	1992	1993	1994	1995	1996
Jan.	109	136	111	48	88
Fev.	90	108	97	48	93
Mar.	69	124	101	47	92
Abr.	57	102	126	48	83
Mai	142	189	148	69	95
Jun.	130	159	114	75	99
Jul.	106	174	89	82	104
Ago.	87	161	73	84	103
Set.	171	187	69	92	108
Out.	138	146	51	93	111
Nov.	110	115	47	91	100
Dez.	98	99	49	88	106
Média	109	142	90	72	98

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados do Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 10 - Padrão Estacional de Preços no Atacado, Frutas Cítricas, São Paulo

Mês	Laranja	Limão	Tangerina cravo	Tangerina ponkan	Tangor murcote
Jan.	133	75	-	-	-
Fev.	129	53	-	-	-
Mar	118	55	165	162	-
Abr.	97	53	111	105	-
Mai	80	49	79	81	-
Jun.	73	49	75	79	84
Jul.	77	64	79	85	78
Ago.	80	84	88	109	91
Set.	89	135	-	-	110
Out.	96	197	-	-	115
Nov.	112	252	-	-	132
Dez.	116	134	-	-	-

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados do Instituto de Economia Agrícola.

e início de 1996, metade dos quais de caráter não comercial e conduzidos por citricultores com interesse apenas em replantar seus próprios pomares. A partir do ano agrícola 1998/99, por cinco anos, os plantios seriam considerados somente para repor as plantas erradicadas, de modo a manter estável o parque produtivo (Tabela 11).

A tendência da distribuição etária aponta aumento do número de plantas que estarão com mais de dez anos, quando se considera o

período 1994 a 2002. Para a faixa entre 4 e 7 anos, a tendência será declinante, enquanto naquela entre 8 e 10 anos deverá haver um aumento até 1998 e posteriormente diminuição. Esse comportamento será reflexo da intensidade variável de plantio nos últimos anos da década de oitenta e primeiros da de noventa.

Os resultados obtidos foram cotejados com os de projeções feitas anteriormente revelando as mesmas tendências de aumento da

produção, porém com volumes de colheita bem mais elevados (Tabela 12).

TABELA 11 - Situação dos Viveiros de Citros por Região, Estado de São Paulo, 1996

Região	Número de viveiros	Mudas (milhão)	Cavalinhos (milhão)	Sementeira (m2 x 1.000)
Norte	526	2,26	2,59	54,50
Noroeste	499	10,30	3,47	271,80
Sul	395	4,69	8,21	208,20
Centro	136	0,62	1,82	51,10
Total	1.556	17,87	15,51	585,60

Fonte: REVISTA DO FUNDECITRUS (1996).

TABELA 12 - Projeções de Oferta de Laranja, São Paulo, 1993 a 2003
(em milhão de caixas de 40,8kg)

Safra industrial	Produção ¹	Produção ²	Produção ³	Estimativa
1994/1995	308/335	-	-	285,0*
1995/1996	315/336	325	330	322,3**
1996/1997	309/336	313	359	355,0***
1997/1998	-	310	370	-
1998/1999	-	321	382	-
1999/2000	-	323	387	-
2000/2001	-	324	398	-
2001/2002	-	-	411	-
2002/2003	-	-	416	-

¹Projeção feita em 1993.

²Projeção feita em 1994.

³Projeção feita em 1996.

*Estimativa afetada pela geada e seca.

**Estimativa final do IEA.

***Estimativa do IEA. Pela indústria 352.

Fonte: Dados da pesquisa.

7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos estudos mais recentes de produção agroindustrial, a abordagem tem sido a da "cadeia produtiva" ao invés da análise segmentada, particularmente quando se trata de uma agroindústria em que os ganhos de competitividade serão resultantes de ganhos parciais (mesmo que pequenos), com eliminação de gargalos e desperdícios em cada etapa do processo, de modo que a soma represente ao final um valor significativo.

Apesar de o número de plantas cítricas não produtivas estar agora em São Paulo por volta de 32 milhões, a taxa anual de aumento da produção nos próximos cinco anos não deverá ser semelhante à verificada na década de oitenta. Porém, dificilmente os preços recebidos pelos

citricultores voltarão a ser iguais aos dos últimos anos da década de oitenta, a menos que ocorra um desastre climático de fortes proporções, pois atualmente a situação internacional do suco é diferente, com crescimento mais lento nas vendas, levando a indústria a evitar aumento nas quantidades a serem ofertadas.

Outrossim, pode-se considerar o mercado interno brasileiro como o grande mercado a ser conquistado nos próximos anos, conferindo mais segurança à citricultura. Entretanto, para ampliar o consumo de fruta fresca e desenvolver o mercado de suco pronto para beber, haverá necessidade de ampla campanha quanto à qualidade do produto, que deverá estar apoiada em legislação atualizada.

As grandes mudanças no cenário mais recente ocorreram nas relações comerciais entre

produtores e indústrias, uma vez que a partir de 1995 a colheita e transporte da fruta dos pomares até as fábricas passaram a ficar por conta dos citricultores, prática com a qual não estavam acostumados. Assim, o frete passou a representar um diferencial que antes não existia para o produtor.

De outra parte, a presença no Brasil de fabricantes dos principais equipamentos industriais confere a todo o setor uma garantia de fornecimento e de inovações tecnológicas. Quanto a defensivos, fertilizantes e máquinas agrícolas

não existem registros de quaisquer dificuldades para a manutenção dos tratamentos culturais dos pomares, visto que a indústria brasileira tem atendido plenamente as necessidades da citricultura.

Finalmente, conquanto seja de difícil avaliação quantitativa, pode-se afirmar que a pesquisa agrônômica e a defesa fitossanitária representaram até agora uma retaguarda sólida e uma garantia, cujos resultados propiciaram, em grande parte, o crescimento da citricultura brasileira e avanços tecnológicos para a produtividade agrícola.

LITERATURA CITADA

AMARO, Antonio A.; MAIA, Maria L. Os novos caminhos da citricultura. **Agroanalysis**, Rio de Janeiro, v.16, n.6, p.25-27, jun. 1996.

INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA. Preços de varejo na cidade de São Paulo. **Informações Econômicas**, SP, 1990-96.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Levantamento estatístico da produção**. Rio de Janeiro: FIBGE, 1985-96.

MAIA, Maria L.; AMARO, Antonio A. Estrutura do mercado de suco cítrico no Brasil. **Laranja**, Cordeirópolis, v.15, n.1, p.55-68, 1994.

REVISTA DO FUNDECITRUS. Araraquara, 1994. No prelo.

_____. Araraquara, v.12, n.78, set./out. 1996.

RODRIGUES, Ody et al. **Citricultura brasileira**. 2.ed. Campinas: Fundação Cargil, 1991. v.1.

SECEX. Ministério da Indústria, Comércio e Tecnologia. **Estatísticas de exportação**. Brasília: MICT, 1980-96.

PRODUÇÃO E COMÉRCIO DE LARANJA E DE SUCO NO BRASIL

SINOPSE: Este relato oferece uma visão atualizada da citricultura brasileira e em especial de São Paulo, principal região produtora, tendo em vista que vários fatores que afetam a oferta e a demanda sofreram alterações nos primeiros anos da década de noventa. Entre os pontos mais importantes incluem-se uma visão estrutural da agroindústria cítrica paulista; projeções de oferta de laranja; evolução recente do mercado brasileiro da fruta fresca e de suco de laranja; e possíveis cenários para os próximos anos com pontos fortes e fracos da citricultura paulista.

Palavras-chave: laranja, suco, oferta, exportação, estrutura industrial e projeções de produção.

ORANGE AND ORANGE JUICE PRODUCTION AND MARKETING IN BRAZIL

ABSTRACT: This paper presents an updated overview of the Brazilian Citrus Industry, particularly in the state of São Paulo, the main producing region. It should be emphasized that several aspects affecting both supply and demand changed in the beginning of the 90=s. Among the main ones

are included: a structural view of São Paulo's citrus agro-industry; forecasts of orange supply; the recent evolution of the Brazilian market of fresh fruit and orange juice as well as probable scenarios for the next years with the strong and weak points of São Paulo's citrus culture.

Key-words: *orange, juice, supply, demand, export, structure and production forecasts.*

Recebido em 08/07/97. Liberado para publicação em 12/08/97.